

volume

26/1

Dezembro/2020

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História da Saúde, das Doenças e da Assistência

Esta primeira edição oferece primeira especialidades em doces especialidades em para casamentos, batizados, casamentos, sados e banquetes. E osados e banquetes. É a única depositária da primeira depositária da mada Guarana Espumante mada Guarana Espumante e do excelente chopp e do excelente lab Laeta, fabricados em lab Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. ZúS, Paulo pelos S. motta Loureiro & Campotto Loureiro & J. Capoterra, Braso 1921 Capoterra, Br



Hist. Rev. Pelotas Número 26/1 p.1-402 dez. 2020

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria

Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira
Ourique

Repr. das Engenharias e Computação: Darci Alberto
Gatto

Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto Mello
Garcia e Marines Garcia (suplente)

Repr. das Ciências da Saúde: Francisco Augusto
Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina
(suplente)

Repr. das Ciências Agrônomicas: Cesar Valmor
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira
Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas
Arigony Braga (suplente)

Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da Silva
e Cláudio Baptista Carle (suplente)

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla Rodrigues
Gastaud

Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa.
Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Prof^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Angela Beatriz Pomatti, Éverton Reis Quevedo, Véra Lucia Maciel Barroso

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Théobald Chartran(1849-1907) Laennec, no Hospital Necker, ausculta um tísico na frente de seus alunos (1816) (1889), mural, Salle Péristyle da Sorbonne.

Pareceristas ad hoc: Marcelo Vianna (IFRS) | Luciana da Costa de Oliveira (UNISINOS) | Cristiano Enrique de Brum (PUCRS) | Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) | Marlise Maria Giovanaz (UFRGS) | Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS) | Joana Carolina Schossler (UNICAMP) | Danielle Heberle Viegas (UNILASALLE) | Micaele Irene Scheer (UFRGS) | Zingaro Homem de Medeiros (UFRGS) | Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPel) | Eduarda Borges (UFRGS) | Marcia

Regina Bertotto (UFRGS) | João Gabriel Toledo Medeiros (UNISINOS) | Rodrigo de Azevedo Weimer (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Jonas Moreira Vargas (UFPel) | Clarissa de Lourdes Sommer Alves (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Regina Célia Lima Xavier (UFRGS) | Leonardo de Oliveira Conedera (UDESC) | Beatriz Teixeira Weber (UFSM).

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2020/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre:
Revistas de Livre Acesso | International
Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai
| Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** obra publicada em janeiro de 2021.**



Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.26/1, (dez. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.
1v.

Semestral
ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

DOSSIÊ: HISTÓRIA DA SAÚDE, DAS DOENÇAS E DA ASSISTÊNCIA

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION

ANGELA BEATRIZ POMATTI, ÉVERTON REIS QUEVEDO, VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO 8

SAÚDE TEM HISTÓRIA 12

ENTRE DIFERENÇAS E SIMILARIDADES: UM ESTUDO COMPARATIVO A RESPEITO DOS OLHARES SOBRE A “SAÚDE” E A “DOENÇA” EM “MANUAIS DE MEDICINA POPULAR”, HOMEOPÁTICOS E ALOPÁTICOS, DE FINAIS DO OITOCENTOS 13
ANDRÉ PORTELA DO AMARAL

CIRCULACIÓN, PRÁCTICAS Y MEDICINA POPULAR. EM REFLEXIÓN SOBRE EL CURANDERISMO EM EL SIGLO XIX ARGENTINO 32
ASTRID DAHHUR

“O EXERCÍCIO DE CURAR SUPÕE O HÁBITO E COSTUME DE O FAZER”: BOTICAS E BOTICÁRIOS NO OITOCENTOS NO BRASIL MERIDIONAL 45
PAULO STAUDT MOREIRA E NIKELÉN ACOSTA WITTER

SOBRE AS VIRTUDES MEDICINAIS DOS INSETOS NA OBRA *PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO* DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR S. J. (1776-1776) 67
ELLANE CRISTINA DECKMANN FLECK

DO TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS À ENGENHARIA DE TECIDOS: A HISTÓRIA QUE TEM REVOLUCIONADO A MEDICINA E SALVADO VIDAS 90
LAURA SCHÄFER E MARIA HELENA ITAQUI LOPES

DOENÇAS E HISTÓRIAS 105

AS DOENÇAS E O ATENDIMENTO AOS ENFERMOS NOS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO (SÉCULO XVIII) 106
ROGÉRIO MACHADO DE CARVALHO

“MUI SEÑOR MIO, DESPUES DE HAUER RECONOZIDO LAS MEDIZINAS, PARESE QUE HA ENCONTRADO DE MENOS TODO LO QUE PARESE SU PAPEL”: UM ESTUDO SOBRE OS TUMORES NO PARAGUAI COLONIAL (SÉC. XVII-XVIII) 124
BERNARDO TERNUS DE ABREU

O FENÔMENO IMIGRATÓRIO E O CONTROLE DO TRACOMA: REPERCUSSÕES DA DOENÇA 146
LEONOR C. BAPTISTA SCHWARTSMANN

PÁGINAS DE UM SABER MÉDICO: A PRESENÇA DA TUBERCULOSE EM TRABALHOS PUBLICADOS NO ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA	163
<i>BRUNO CHEPP DA ROSA</i>	
CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO “GRIPE ESPANHOLA: A MARCHA DA EPIDEMIA” DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL	186
<i>ANGELA BEATRIZ POMATTI E GLÁUCIA G. LIXINSKI DE LIMA KULZER</i>	
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID-19	
<i>JANETE ABRÃO</i>	209
“SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPel	
<i>QUEZIA GALARCA DE OLIVEIRA, MILENA DA SILVA LANGHANZ E LORENA ALMEIDA GILL</i>	230
INSTITUIÇÕES E ASSISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS	240
A SUPERLOTAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO: IMPLICAÇÕES NA INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ENTRE OS ANOS DE 1932 E 1937 (PORTO ALEGRE/RS)	
<i>LISLANE RIBAS CRUZ</i>	241
ESTIGMA DA LEPROSA: O MANEQUIM LÁZARO NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ	
<i>HELENA THOMASSIM MEDEIROS, JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES E DIEGO LEMOS RIBEIRO</i>	258
A ALIMENTAÇÃO HOSPITALAR MODERNA E A (RE) PRODUÇÃO DO VIVER SOCIAL NO HOSPITAL MIGUEL COUTO EM NATAL (1927-1955)	
<i>ANDRÉ MOTA E RODRIGO OTÁVIO DA SILVA</i>	276
A MATERNIDADE DO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, ENSINO E ASSISTÊNCIA NO RIO DE JANEIRO	
<i>CAROLINE PEREIRA DAMIN PRITSIVELIS, ANTONIO RODRIGUES BRAGA NETO, ANTONIO CARLOS JUCA DE SAMPAIO, JORGE FONTE DE REZENDE FILHO E JOFFRE AMIM JUNIOR</i>	299
CENTROS DE SAÚDE E POSTOS DE HIGIENE: NOVAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE PARA NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS (RIO GRANDE DO SUL, 1928-1945)	312
<i>GABRIELLE WERENICZ ALVES</i>	
CUIDAR DE POBRES DOENTES NAS MEMÓRIAS DE ENFERMEIRAS RELIGIOSAS NA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE (1956-1973)	332
<i>VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO</i>	

ARTIGOS LIVRES

ENTRE COIMBRA E VILA DO PRÍNCIPE: A ATUAÇÃO DO PADRE DR. MANUEL JOSÉ DA
FONSECA BRANDÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, COMARCA DO
SERRO DO FRIO, MINAS GERAIS, 1778 A 1797

DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ

347

348

MODELOS DE ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E NA GEOGRAFIA – UMA COMPARAÇÃO
ENTRE A HISTÓRIA LOCAL FRANCESA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS GERAÇÕES
SUBSEQUENTES

JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS

369

(RE)ESCRITURAS NEGRAS EM PÁGINAS BRANCAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROCESSO
DE PATRIMONIALIZAÇÃO DA SERRA DA BARRIGA

RAYANNE MATIAS VILLARINHO E ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ

388

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Instituições e Assistência: Trajetórias

*At a primeira d' dom #00000 primeira
especialidades em doces especialidades em
para casamentos, baptipara casamentos,
sados e banquetes. E' osados e banquetes.
única depositaria da aliança depositaria d
muda Guarana Espumamuda Guarana Esp
te e do eccellente chocote e do excelente
lato Laeta, fabricados culato Laeta, fabrica
S. Paulo pelos Srs. ZouS. Paulo pelos Sr
notta Loureiro & Compatta Loureiro &
J. Conditary Brasil 1921 Conditary Bra*



Hist. Rev. Pelotas Número 26/1 p.1-402 dez. 2020

ISSN 2596-2876



ESTIGMA DA LEPRO

O MANEQUIM LÁZARO NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ

LEPROSY'S STIGMA

THE LÁZARO MANIKIN AT THE MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ'S EXHIBITION

Helena Thomassim Medeiros¹

Juliane Conceição Primon Serres²

Diego Lemos Ribeiro³

Resumo: O texto aborda a exposição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI), localizado na cidade de Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil. Discute questões vinculadas ao histórico e estigma da lepra, doença atualmente conhecida como hanseníase, que foi a razão da construção deste hospital, único Leprosário do Rio Grande do Sul. A exposição veiculada no Memorial, inaugurada em 2014, traz informações sobre o local e sobre a história desta doença; contudo, um elemento expográfico se destaca em meio a esta construção narrativa: o manequim Lázaro. A partir deste objeto cenográfico, o artigo visa problematizar algumas questões em relação ao estigma da lepra no contemporâneo.

Palavras-Chave: Expografia. Estigma da lepra. Memorial do Hospital Colônia Itapuã. Objeto cenográfico. Manequim Lázaro.

Abstract: This text addresses the exhibition of the Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI), located in the city of Viamão. It discusses issues related to the stigma of leprosy, a disease currently known as hansen's disease, which was the reason for the construction of this hospital, the only leprosarium in Rio Grande do Sul. The exhibition at the Memorial, opened in 2014, provides information about the place and the history of this disease; however, an expographic element stands out in the midst of this narrative construction: the manikin Lázaro. From this scenographic object, the article aims to problematize some issues in relation to the stigma of leprosy in the contemporary.

Keywords: Expography. Leprosy's stigma. Memorial do Hospital Colônia Itapuã. Scenographic object. Manikin Lázaro.

1 INTRODUÇÃO

O Hospital Colônia Itapuã (HCI) foi inaugurado em 1940, em resposta a um contexto de políticas públicas de combate à lepra⁴, mobilizadas durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Sendo o único Leprosário do Estado do Rio Grande do Sul, ele foi construído nos moldes de uma

¹ Museóloga, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Helena_tm@outlook.com

² Historiadora, Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e professora Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). julianeserres@gmail.com

³ Museólogo, Doutor em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo (USP) e professor do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). dlrmuseologo@yahoo.com.br

⁴ No decorrer do artigo utilizamos diversas vezes o termo “lepra” e “leproso”; a nomenclatura correta é hanseníase. Contudo, fazemos uso destes termos para frisar a ideia de estigma vinculada a esta doença e estas palavras.

pequena cidade, onde havia espaços de lazer, moradia, igrejas, moeda própria, prisão, um delegado local, espaço para plantio, fábricas, entre outros. O internamento compulsório aproximava o diagnóstico de lepra a uma sentença de exclusão, pois a pessoa teria que deixar sua vida para ir morar neste espaço.

Na década de 1940 foram encontrados os primeiros tratamentos eficazes no combate à doença, que reflete no processo de esvaziamento do local. Em virtude deste fato, no ano de 1972, pacientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro⁵ começaram a ser transferidos para o local. O espaço do leprosário foi, portanto, dividido entre esses dois grupos de marginalizados: os pacientes psiquiátricos que chegaram para ocupar os lugares deixados pelos hansenianos e os hansenianos que permaneceram institucionalizados.

Em 1999, com o objetivo de guardar registros de tão peculiar instituição, houve a criação do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE)⁶ no Hospital. Como resultado desta iniciativa foram gerados acervos de história oral, documentos em suporte papel e peças tridimensionais, que serviram de subsídio para a elaboração de diversas exposições, tanto internas quanto externas ao HCI.⁷

Nessa esteira de preservar a memória do local, em 2014 foi criado o Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Memorial HCI), fruto da ação de dois funcionários públicos interessados em salvaguardar e apresentar a trajetória do HCI. Este espaço de memória está localizado no prédio onde viviam as Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã, que eram as responsáveis pelo contato diário e cuidado com os pacientes. O Memorial é apresentado no formato de uma exposição que utiliza os dois andares do edifício, e conta com diversos itens que retratam a vida dentro do Hospital, assim como as histórias dos pacientes e da doença hanseníase, por intermédio de objetos testemunho e cenográficos.

Os espaços de memória têm um importante papel no que tange o reforço de ideias e legitimação de uma versão do passado. Considerando que essa é uma doença que faz parte da trajetória humana, estando presente em textos bíblicos e no imaginário atual, preconceitos e medos vinculados a ela fazem parte da nossa realidade. A exposição do Memorial HCI aborda aspectos relacionados à

5 Mais informações em: BORGES, Viviane Trindade. Projeto CAR: o Centro Agrícola de Reabilitação do Hospital Colônia Itapuã. In: Boletim da Saúde. Rio Grande do Sul, v.16, n.2, 2002, p. 116-124. Disponível em: <<http://www.boletimdasaude.rs.gov.br/conteudo/1207/projeto-car:-o-centro-agricola-de-reabilitacao-do-hospital-colonia-itapua>>. Acesso em: 30 de set. de 2017.

6 O CEDOPE funcionou constantemente entre os anos de 1999 e 2001, posteriormente passou por diversos períodos de fechamento, e, na época da pesquisa, não existia mais.

7 O tema do HCI foi abordado dentro de diversas exposições. A primeira ocorreu dentro da área do hospital, em 2000, como uma iniciativa do CEDOPE, posteriormente tornou-se itinerante, chamava-se “HCI-60 Anos de História”. Em 2007 ocorre a exposição “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais” promovida pela Secretaria da Saúde do Estado. No ano de 2012 o Museu da História da Medicina (MUHM) realiza “Da Lepra à Hanseníase”. Em 2014 é inaugurado o Memorial HCI que, em 2015, participa, enviando peças de seu acervo para a “V Mostra Museológica de História da Medicina”. No ano de 2017 foi realizada pela Secretaria de Comunicação dos Hospitais Estaduais a exposição “Caminhos da Saúde Pública no RS”. A mais recente é a exposição virtual apresentada pelo MUHM em 2020, “Estigma e Isolamento: A hanseníase no Rio Grande do Sul”.

história da hanseníase/lepra e, mesmo que involuntariamente, acaba por reforçar estigmas.

O presente texto se aprofunda nestas questões para pensarmos o papel das instituições museológicas neste contexto de preservação e transmissão de memórias vinculadas a grupos marginalizados, assim como nos discursos expositivos construídos. Optamos por abordar aqui uma escolha expográfica específica: o manequim Lázaro. Posto que este objeto cenográfico representa um elemento emblemático da exposição, vinculando além da percepção de seus idealizadores, o estigma e medo associados à lepra.

2 LEPRA: doença e estigma

A lepra é uma enfermidade que acompanha os seres humanos há milênios, segundo Leonardo Savassi (2010) não há certeza quanto a sua origem. Alguns associam o surgimento a civilizações antigas como a indiana, egípcia e hebraica, outros apontam que a fonte seria asiática e africana. Letícia Maria Eidt comenta que:

Encontra-se, nos capítulos 13 e 14 do Levítico, o termo hebreu *tsaraath* ou *saraath* para designar afecções impuras. Estes termos foram traduzidos como lepra em vários idiomas, sem que se possa afirmar com certeza o seu significado original. Em hebraico, significavam uma condição de pele dos indivíduos ou de suas roupas que necessitava purificação. (EIDT, 2004, p. 78)

O termo lepra, segundo Savassi (2010), vem da expressão grega *lepros* e significaria descamação, que seria a tradução para a expressão em hebreu *tsaraath* ou *saraath*. A nomenclatura era utilizada para designar diversas doenças de pele, entre elas lúpus e vitiligo.

Sua disseminação pela Europa teria ocorrido ainda no período romano, porém as Cruzadas tiveram um importante papel para o crescimento do número de casos. Na Idade Média, a Igreja Católica passou a se ocupar cada vez mais com o cuidado dos doentes. O aumento de incidência da doença fez com que surgissem “[...] a partir do século XII, as primeiras ordens religiosas dedicadas a prestar cuidados aos portadores de hanseníase. Criaram-se os leprosários com a função de asilar os excluídos da sociedade, sob o controle da Igreja.” (SANTOS, 2006, p. 12).

O medo em relação à doença está associado às deformidades físicas ocasionadas pela falta de tratamento. Esta enfermidade atinge os nervos, leva a perda ou diminuição de sensibilidade nas extremidades do corpo, o que faz com que cortes ou feridas sejam percebidos tardiamente levando, muitas vezes, a amputação. Também ocorre a paralisia facial, desabamento nasal e cegueira, comprometendo a fala e desfigurando o doente. Dentro do contexto da Idade Média Ocidental Jacques Le Goff (2005) observa que:

[...] a doença e a deficiência física eram tidas por sinais exteriores do pecado, os que delas sofressem eram malditos para Deus, e, assim, malditos para os homens. A Igreja acolhia provisoriamente alguns e alimentava esporadicamente outros - nos dias de festa. Os demais tinham como único recurso a mendicância e a errância. (LE GOFF, 2005, p.322)

Desta forma, percebemos que a doença ganha uma conotação de exclusão social, uma “maldição” para aquele que fosse atingido por ela. Neste período não era raro que o leproso fosse

considerado morto em vida, sendo isolado do convívio social, perdendo seus bens, devendo utilizar roupas que cobrissem todo seu corpo e acessórios que alertassem os demais sobre sua condição – como instrumentos musicais para avisar sua aproximação, e cajados para apontar coisas de que precisasse. Yara Nogueira Monteiro comenta que:

O medo inspirado por essa doença não se fundava na rapidez do contágio, visto que ao contrário das pestes a hanseníase nunca foi epidêmica e que, via de regra, seu portador sobrevive muito tempo depois de infectado. Além disso, o número de *leprosos* nunca foi grande se comparado ao das vítimas da peste negra, cólera, varíola ou mesmo da tuberculose. Desta forma o medo se prenderia não à proximidade ou possibilidade da morte, mas sim ao tipo de vida que era imposta ao seu portador. (MONTEIRO, 1993, p.133)

A partir desta colocação nos permitimos pensar que esta doença extrapola tal categoria, tornando-se um estigma. Goffman aponta que este termo foi criado pelos gregos para:

[...] se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 1988, p.05)

Diante desta menção percebemos que a enfermidade está inserida em um contexto complexo e que permeia a relação desta doença com a sociedade até os dias de hoje, sendo o termo lepra alterado para hanseníase. Esta alteração foi oficializada pela Lei nº 9.010/95 (BRASIL, 1995) – justamente por sua associação com um passado de exclusão e a fim de diminuir o medo e o estigma vinculados a palavra.

Apenas em 1873 o médico norueguês Gehard Henrick Armauer Hansen (1841-1912) identifica o bacilo causador da doença, *mycobacterium leprae* ou bacilo de Hansen. A enfermidade deixa de ser vista como um castigo divino, porém a política de isolamento dos doentes continua a ser a medida adotada. Segundo Serres:

Se por um lado esta descoberta representou um importante passo para a medicina, por outro lado veio confirmar a contagiosidade da moléstia, fazendo com que houvesse um recrudescimento dos temores antigos e, sobretudo, munindo a medicina de justificativa científica para as práticas de segregação impostas aos doentes. (SERRES, 2004, p.57)

No século XIX, segundo Cunha (1997), a lepra havia quase desaparecido na Europa, entretanto: “Os hansenianos brasileiros, tal qual ocorreu na idade média européia, sobreviviam das esmolas recolhidas nas ruas ou de doações de religiosos. Isto os colocava na mesma situação social que os miseráveis, desempregados, prostitutas e criminosos.” (CUNHA, 1997, p.36).

Em 1920 o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) cria a Inspeção da Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas, apontando que:

Qualquer caso suspeito de Lepra devia ser *notificado*. A *notificação compulsória* cabia não apenas ao médico comunicar às autoridades sanitárias casos confirmados ou suspeitos, mas a qualquer pessoa que residisse ou convivesse com o *suspeito*. O não cumprimento deste dispositivo acarretaria multas, em dinheiro para as pessoas em geral, em dinheiro mais sanções para os médicos. O médico que infringisse o regulamento seria considerado “suspeito” pelo DNSP, sendo que todos os doentes por ele visitados e óbitos por ele

atestados seriam sujeitos à verificação por parte das autoridades sanitárias. Caso o “infrator” fosse funcionário do DNSP, seria imediatamente demitido. (SERRES, 2004, p. 47)

Percebemos que o cenário em nosso País era de uma “caça aos leprosos” sendo estes observados enquanto um perigo em potencial para a sociedade. Em 1935, foi elaborado um Plano Nacional de Combate a Lepra que previa a construção, pela União de Leprosários, do tipo colônia agrícola; extensão e melhoramento dos já existentes; hospitalização de todos os pacientes de Lepra aberta ou mutilante, e de mendigos e indigentes. Foram planejados Leprosários para pacientes hospitalizados, Dispensários para o tratamento ambulatorial de doentes não-internados e Preventórios para os filhos sadios de pais leprosos.

Após a inauguração do Hospital Colônia Itapuã (HCI), as Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã coordenavam o local, sendo subordinadas ao Diretor Chefe, que era o médico geral da instituição. Durante seu funcionamento, enquanto leprosário, 2.474 (dois mil quatrocentos e setenta e quatro) pessoas foram internadas naquele local. A pequena cidade era dividida em três zonas:

Na “zona sadia” havia uma residência para o médico diretor, uma para o administrador, casas geminadas para os funcionários, uma usina geradora de eletricidade, garagem e moradia para motorista. Na “zona intermediária” encontravam-se os prédios da administração, da padaria, a casa das Irmãs, o pavilhão de observações e a futura casa do capelão. Na “zona suja” ficavam os 14 pavilhões “Carville”, as 11 casas geminadas, cozinha, refeitório, hospital com ambulatórios, enfermarias (mulheres e homens), lavanderia, capela, forno de incineração, necrotério, oficinas, cemitério. À entrada da “zona suja” ficariam o *parlatório* e o expurgo. O Hospital ainda contaria com uma área rural. (SERRES, 2004, p.124)

Quevedo nos lembra que: “[...] a segregação dos doentes em Leprosários e, mais tarde, em Hospitais Colônias, contribuiu de forma excepcional para a perpetuação e consolidação desses preconceitos. Fazendo milhões de vítimas, não só clinicamente, mas principalmente do ponto de vista social [...]”. (QUEVEDO, 2005, p. 43).

A descoberta do primeiro tratamento eficaz no combate a hanseníase se dá ainda na década de criação do HCI, ocasionando um paulatino esvaziamento nos anos seguintes. Em 18 de setembro de 2007 foi aprovada a Lei nº 11.520 (BRASIL, 2007) que dispõe o pagamento de uma pensão aos pacientes ex-hansenianos privados do convívio social até 31 de dezembro de 1986, ou seja, mais de quarenta anos depois da cura da doença ser descoberta.

Durante o período do internamento compulsório, segundo o Ministério da Saúde, cerca de 30.000 (trinta mil) crianças foram separadas de suas famílias, algumas permaneceram nos preventórios, outras foram adotadas e hoje buscam o paradeiro de seus pais biológicos, outras tiveram suas vidas marcadas por abusos, preconceito e ausência de relações familiares.

O isolamento em relação aos doentes de lepra foi uma das políticas mais imperiosas de segregação que tivemos no Brasil, movido pela certeza da contagiosidade da doença, mas ao mesmo tempo um grande desconhecimento sobre as formas de transmissão e a ausência de formas eficazes de tratamento. Junto ao discurso médico-sanitário, todo um imaginário social foi mobilizado. Ainda hoje, quando a doença praticamente não é mais nominada, embora tenhamos milhares de casos no país e no mundo, percebemos que o estigma desta permanece. Sendo assim, ao analisarmos um

Memorial destinado a contar a história de uma instituição vinculada a uma política de exclusão é fundamental buscar identificar estas tensões entre as representações do passado e os estereótipos vinculados a elas.

3 MEMORIAL HCI E A MANEIRA DE APRESENTAR O TEMA

O Memorial HCI foi inaugurado em 2014 e o local escolhido para sediar essa iniciativa foi a Casa das Irmãs. Com dois andares de área de exposição, não há uma estimativa exata da quantidade de objetos que se encontram sob a guarda da instituição. Em uma entrevista de 2017, uma de suas organizadoras, a enfermeira Rita Sosnoski Camello, comentou que existiriam mais de 3.000 (três mil) itens, porém não estava sendo desenvolvido nenhum trabalho de documentação sobre estas materialidades coletadas.

A criação do local é uma iniciativa de Marco Antônio Lucaora que é funcionário público estadual e trabalha no Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) e da enfermeira Rita Sosnoski Camello, especialista na doença hanseníase, que atuou durante anos no HCI. Desta vontade conjunta de preservar os bens materiais e histórias vinculadas a este antigo leprosário, foi criado o espaço de memória.

Ao observarmos que o que apresentamos nos museus não é a realidade ou o fato, mas uma leitura de acontecimentos rearranjados e organizados, muitas vezes, para compor uma linearidade que não existe percebemos que estamos “encenando” o passado. Bruno Brulon Soares (2012a) apresenta a perspectiva de uma performance museal, apontando que:

Nos museus, a analogia teatral foi por muito tempo utilizada para explicar a relação com o público. Museu e teatro são análogos no encontro que promovem. Em ambas as instâncias, a plateia espera ver o real, o autêntico, ainda que não em sua forma ‘banal’. O que é apresentado é um novo arranjo das coisas da realidade, no qual as coisas reais re-apresentam o real. (SOARES, 2012a, p.195)

Essa reapresentação do real perpassa por diversos fatores, entre eles os objetos. Debary (2015) aponta para: “[...] the idea that people are able to project a story onto these objects, these remnants of objects, with their traces and their past. People recognise that these objects have a past and that from this past, they can imagine a future for them.”⁸ (DEBARY, 2015, p.128). Deste modo, a relação com o objeto passa pela subjetividade que colocamos no bem material, o que imaginamos a partir dele; entra aí o papel da construção de uma narrativa através de escolhas expográficas que, até certo ponto, guiam o visitante e apresentam-lhe uma forma de imaginar o objeto acrescentando, também, uma visão institucional. Soares (2012b) comenta que:

Como no teatro, em que as máscaras instauram representações que são, simultaneamente, um personagem e um ator – sem que um exclua a existência do outro –, ou em um ritual em que os deuses e espíritos “descem” para possuir os dançarinos em transe, nos museus o público é confrontado com uma dupla presença: a do objeto exposto e a de sua representação

⁸ “[...] a ideia de que as pessoas são capazes de projetar uma história nestes objetos, nestes restos de objetos, com seus traços e seu passado. Pessoas reconhecem que estes objetos têm um passado e a partir deste passado, podem imaginar um futuro para eles” (DEBARY, 2015, p.128, tradução nossa).

enquanto aquilo que ele não é. Essa distância entre aquilo que o objeto é, e aquilo que ele não é (ou ‘finge’ ser) no contexto dos museus, é onde se insere a performance museal. Ao incorporar os objetos a um tipo específico de teatralidade, também conhecida como *musealidade*, os museus criam uma espécie de encenação, que funciona como uma continuidade imaginada, baseada no fato de que sentimentos e emoções são mais importantes na produção de autenticidade do que a própria materialidade das coisas. Nesta perspectiva, o autêntico é produzido através de métodos artificiais e ficcionais – e, por isso, ele pode também ser recriado. (SOARES, 2012b, p.12-13, grifo do autor)

Desta forma, a recriação de um passado é uma obra ficcional, no caso analisado, baseada em restos da história oficial. Considerando que, para representar, tanto ator como espaços de memória buscam em suas experiências com a realidade a fonte para gerar a comunicação com seu público. Em uma exposição que visa mostrar a relação construída e a significância do Hospital Colônia Itapuã, o subjetivo estará sempre presente. Cabe, então, descobrir qual é o discurso proposto através da narrativa construída por meio das escolhas expográficas realizadas.

Durante a realização de pesquisas sobre o local, entre os anos de 2015 a 2019, foram identificados 56 espaços expositivos⁹ que abordam, em sua maioria, como era a vida dentro do HCI. Sendo os ambientes que apresentam especificamente a vida dos pacientes do setor psiquiátrico do Hospital identificados em apenas três ambientes. Este espaço de exposição menor, em relação às temáticas voltadas para a trajetória de pacientes hansenianos, pode ser atribuído a existência de um memorial próprio no HPSP, instituição de origem destes moradores.

Tendo em vista o estigma da lepra, o fato desta doença ser a razão da construção do HCI e da vida dos pacientes deste período aparecer de forma mais constante no Memorial, este texto volta-se para a problemática nas relações de representação desta temática.

Maria Cristina Oliveira Bruno aponta que: “[...] os museus são lugares da memorização, tanto quanto do esquecimento; são orientados para a consagração, valorização e preservação da herança patrimonial, mas também evidenciam preconceitos e dogmas [...]” (BRUNO, 2006, p.121). Sendo assim, optamos por analisar como a exposição do HCI evidencia o estigma da hanseníase. Não pretendemos com isso desmerecer o trabalho realizado, apenas apontar a existência desta relação a fim de suscitar questionamentos ao leitor.

Foi escolhido, para exemplificar alguns elementos desta problemática, um item da exposição do Memorial que ocasiona alguns conflitos: o manequim Lázaro. Essa discussão é um recorte temático da dissertação de mestrado finalizada em 2019, intitulada “O que sobrou de Nós: As Escolhas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã - RS”. Deste modo nos focamos na análise da trajetória deste objeto em particular.

⁹ Mais informações em: MEDEIROS, Helena Thomassim. *O que Sobrou de Nós: As Escolhas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS*. 2019. 474f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2019/08/O-que-Sobrou-de-N%C3%B3s-Disserta%C3%A7%C3%A3o-Helena-Thomassim-Medeiros.pdf>>. Acesso em 16 de nov. de 2020.

4 O MANEQUIM LÁZARO

O manequim em questão é um objeto cenográfico, não sendo considerado apenas um plano de fundo que “enfeita” a narrativa expográfica, mas diante da compreensão de que todos os elementos colocados em um espaço expositivo “contam uma história” e não estão ali pelo simples acaso. Dentro de uma instituição museal estes itens representam elementos que foram considerados necessários de serem materializados. Estas peças são fruto de escolhas e, desta forma, construtores da narrativa proposta.

A sala “Memórias do Mundo” (Figura 1) é cenário de grandes discussões. Nela há elementos como o mapa dos “caminhos da lepra”, o manequim Lázaro e é o único espaço expositivo com *banners* produzidos pelo próprio Memorial, fato que chama a atenção, pois, os demais espaços, não receberam a mesma atenção em relação ao *design* de seus textos.

Figura 1 - Sala Memórias do Mundo

Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017)

Este ambiente se destaca por sua coerência em relação aos textos, imagens, cores e objetos, que parecem seguir um padrão lhes dando o sentido de unidade. Apesar disto, toda a sala assemelha-se a um diorama¹⁰ que busca criar e congelar um momento na história.

¹⁰ A expressão diorama, neste sentido, refere-se a um espaço montado para simular um ambiente. Mais informações em: ALMEIDA, Angela Prada de. Realismo e Fotografia: Dioramas de Hiroshi Sugimoto do Museu de História Natural de

Em 2018, a enfermeira Rita respondeu por e-mail a seguinte questão: dentro do Memorial HCI há algum elemento ou ambiente o qual você considera mais importante em relação aos demais? Se a resposta for afirmativa, qual o motivo desta diferenciação? O qual ela retornou: “Sim. A primeira sala intitulada “História da Lepra no mundo”, que traz a trajetória da doença enquanto pecado.” (CAMELLO, 2018, doc. eletr.). Há, neste ambiente, uma associação com o trabalho e os interesses profissionais e pessoais dela, sendo um diorama que representa os elementos trazidos nas palestras mediadas pela mesma durante visitas ao local.

Sobre o mapa – localizado na parede em frente ao manequim Lázaro, em uma moldura dourada que pode ser vista na figura 1 – os organizadores dizem que:

[...] o Memorial teve uma lógica. [...] tinha um início, que dentro do carro, nós indo para Itapuã, ela me veio com um mapa do mundo, mas uma coisa de primário [...] aí surgiu a ideia de que: eu vou fazer um presente pra Rita, eu vou fazer um mapa “tcham”, uma moldura “tcham” [...] Quando ela viu, o mapa foi feito para ela, homenagem a Rita. Aquela sala [Sala Memórias do Mundo] foi em homenagem a Rita. [...] Foi feita uma reunião [...] com a Rita, eu [Marco] fora, eu completamente fora, eram quatro pessoas para decidir [...] ela escolheu o mapa, não fui eu que escolhi o mapa, eu só ampliei e fiz a prática da coisa, aí eles se reuniram aqui no São Pedro para marcar os pontos onde começou a hanseníase, a lepra, no caso. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

A partir deste relato, percebemos que por trás desta escolha e da criação deste elemento há a vontade dos organizadores, sendo que ele é creditado como uma homenagem à enfermeira Rita. O espaço também chama a atenção, pois a ideia tem relação com uma representação baseada em fatos, sendo que:

[...] a gente não se deteve, não, na Espanha foi assim, Portugal foi assim, a gente mesclou algumas partes que foram interessantes, sim, e nós damos o nome ali, “Os Caminhos da Lepra” para saber por onde ela havia transitado num passado mais distante, até chegar a Europa. Mas, ainda nem se pensava em Brasil. (CAMELLO, 2015, inf. verb.)

Sendo assim, o espaço mistura diversos elementos. Entretanto, um dos destaques deste ambiente é o manequim Lázaro. O processo de criação deste objeto cenográfico se deu a partir de uma iniciativa do senhor Marco que adquiriu um manequim e passou a incorporar nele deformidades típicas da hanseníase, quando não tratada. A enfermeira Rita aponta que para a criação deste diorama foi feita uma pesquisa: “Vários filmes, várias coisas, nós assistimos muitas coisas do período da Idade Média, porque era aquilo que nós queríamos reportar, então, tudo que era filme que abordasse alguma coisa da Idade Média nós assistimos e nós fomos vendo e nós fomos somando.” (CAMELLO, 2015, inf. verb.)

Este objeto cenográfico recebe a representação de elementos reais, que são as deformidades ocasionadas pela hanseníase, sendo utilizado para apresentar a figura de um leproso no contexto da Idade Média. Fazendo assim um vínculo deste passado ligado à doença que levou a criação do Hospital. Contudo, baseia-se em filmes e elementos “teatrais” a fim de criar um cenário para retratar o assunto.

Percebemos um grande cuidado e estima por parte dos organizadores do Memorial, com este espaço expositivo. Observamos atenção aos detalhes realizados com o *design* do ambiente, fato que parece corroborar com a percepção de que este local “personifica” o trabalho e os interesses da enfermeira Rita, pois a mesma comenta que:

RITA - Quando a gente começou a trabalhar, a primeira sala, já começou com vidros. E nesse meio tempo o Marco estava mandando pintar as paredes, organizar e tudo mais, aí ele vinha, fugia e assistia minha aula. Acho que ele assistiu minha aula 40 (quarenta) vezes pelo menos. Aí, lá pelas tantas, quando ele começou a querer colocar vidro, porque então começamos aqui, aí eu digo: “Não senhor, como é? Tu estás pensando que a lepra começa em 1940, na inauguração do Hospital?” Digo: os pacientes vieram para cá estavam nos fundos do Parthenon, então tu terias que começar com os fundos do Parthenon. Mas antes dos fundos do Parthenon, é na frente da Santa Casa esmolando. Mas antes de esmolarem na frente da Santa Casa, tu tens que mostrar de onde é que veio essa gente e trazer um pouco de histórico. Como é que tu queres [sic] montar alguma coisa? Minimamente tu não precisas [sic] de uma base para te alavancar aquilo que tu fores falar? Então a sala do Lázaro, aquela coisa preta, de fato, porque é. Assista todos esses filmes que te falei. Pegue todos esses filmes que deixei anotado, dê uma olhada, como era tratado, como era feito. Tu vais ter todo o imaginário do que quê é, o porquê daquela sala.

HELENA - Na realidade, aquela sala foi toda de acordo com o imaginário.

RITA - Ela reflete tudo o que foi feito, durante todo um passado que não é tão passado, grande, mas que não foi até tão longe.

HELENA - Que ainda está no imaginário da sociedade.

Rita – No imaginário do povo. Em questão de poucos anos atrás eu fui em uma cidade do interior, quando o paciente viu o carro, ela disse assim, ela já estava fugindo, ela disse: “Não vou voltar para o leprosário hoje não”. (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Notamos neste trecho que uma das maiores dificuldades neste espaço é apresentar o passado – a hanseníase enquanto lepra, sendo um castigo divino, este doente excluído, submetido ao medo que gera o estigma desta enfermidade – sem legitimar preconceitos. Posto que o imaginário popular ainda é muito carregado com a ideia bíblica, alimentada pelo cinema, por exemplo.

Sendo assim, um dos pontos considerados cruciais para compreender o impacto deste elemento expositivo seria a percepção dos moradores, ex-hansenianos, em relação a ele.

4.1 O Manequim e os Moradores

A participação dos moradores do HCI é uma questão importante para esta análise, posto que o contato que temos com eles durante as visitas é pequeno e parece estar cada vez mais restringido e vigiado. Considerando que este espaço de memória se localiza dentro da “casa” deles, é interessante compreendermos como se deu esta troca de perspectivas entre morada e exposição.

Em entrevista realizada no ano de 2015, com o senhor Marco e a enfermeira Rita, ao serem questionados sobre a participação dos moradores do HCI no processo de construção do Memorial, o senhor Marco respondeu:

O envolvimento deles foi maravilhoso, porém, antes deles entenderem o objetivo, aonde é que nós queríamos chegar, que nós não estaríamos desrespeitando eles, houve uma rejeição muito grande, em relação a primeira sala “Os Caminhos da Lepra”. Aquilo foi uma coisa que eu tive que abraçar no peito, porque a Rita chegava numa terça para uma outra terça e dizia: “Marco, a paciente Eva não está gostando, a fulana Marlene tá querendo conversar e tão se reunindo.” Se reuniram dentro do Hospital, na enfermaria numa sala grande que tem lá, numa sala de convívio, e numa reunião com a direção, e a Marione [diretora na época] disse: “Gente, ele não está mostrando vocês”. Porque ela já sabia, até ela ficou chocada, todo mundo ficou chocado. E eu digo: “eu quero porque quero mostrar, essa figura”. Mas eles não aceitaram bem. O Memorial eles gostaram, mas na época, depois eles entenderam [...] Dona Alda ficou quieta, sem desconforto eu fui lá, onde elas fazem tricô, o fuxico, e falei sobre o Lázaro, o boneco. E ela entendeu. O marido dela, ficou discreto, não falou nada. O dia em que eu levei os dois para dentro da sala, a primeira coisa que ele olhou, foi o boneco. Ele se viu com no lago [lagofalmo]. (LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Podemos compreender com esta fala que os organizadores do Memorial tiveram um impasse com os moradores por causa do manequim Lázaro. A ideia que os organizadores visavam transmitir com este objeto cenográfico (Figura 2) era a representação da lepra e a exclusão do doente durante períodos mais antigos, como a Antiguidade e a Idade Média. Sobre este processo de construção eles comentam que:

MARCO – [...] eu consegui um manequim, eu consegui, foi uma doação o manequim, aí assim, começamos a desmontar o manequim [...] eu fiz a roupa. A Rita, nós, passamos um domingo lá, cortando os dedos, fazendo, mas isso não é uma ofensa, isso seria um outro período, isso seria um outro período, seria o período da Idade Média. Então, várias vezes nas palestras da Rita, que ela dava a palestra, eu escutava e ela falava, falava, falava, aquilo tinha que entrar dentro da minha cabeça, era isso que ela queria. Ela me mostrou pacientes: “é assim, presta atenção nos olhos, presta atenção na sobrancelha, presta atenção no nariz” [...] eu levei a cabeça para casa para botar o cabelo.

RITA - Retirar a sobrancelha, fazer o lagofalmo, o comprometimento ocular, o nariz, amputação, porque na verdade o nariz foi serrado para a gente refazer um nariz compatível. (CAMELLO; LUCAORA, 2015, inf. verb.)

Figura 2 - Manequim Lázaro

Fonte: MEDEIROS, Helena Thomassim (2017).

O trabalho de transformação de um manequim para a figura de um leproso da Idade Média fez com que os moradores se sentissem ofendidos, o que era esperado, tendo em vista a história de preconceito e exclusão associados à doença, e a perspectiva de que estas características físicas evidenciassem as marcas deste estigma. A enfermeira Rita comenta que:

RITA - Ali dentro nós temos três pessoas que, não é só pela questão da idade, a Ivete é a pessoa mais idosa que nós temos, e o esposo dela era um grande articulador, junto com a Dona Marlene e a Dona Eva. Bom, a Dona Marlene já é mais sensata [...] Então assim, como é que eu comecei a trabalhar isto, a Marlene é um tipo de pessoa muito inteligente, muito perspicaz, e eu pensei: bom, eu tenho que trabalhar com ela, para que ela tenha compreensão. E num belo dia ela vai à enfermaria me pedir um medicamento, e eu prontamente digo assim: “Marlene, tu tens andado por aí?”. “Olha, menos do que eu gostaria, porque eu tô mais cuidando do meu neto”. Aí eu digo assim: “Pois é, tu estas sabendo do Memorial que estamos fazendo?”. “Pois é, cada um me fala uma coisa”. E eu conversando com ela, eu digo assim: “Olha, na verdade, a gente está tentando trazer um mundo do passado, numa primeira sala, e depois estamos com muito carinho juntando cada objeto que fez parte aqui do Hospital. E até se tu tiveres alguma coisa do passado...”. Até porque ela foi responsável pelo armazém, eles tinham um armazém próprio ali dentro, e ela era a dona do armazém, que administrava, que pagava, que fazia as vendas, e encomendas. E aí foi quando ela começou caminhando com uma e com outra, tipo assim: “Não, a gente vai ter que ir lá”. Ela não pôde ir lá, mas aí, quem foi um belo dia à tarde? Vai a Dona Ivete, vai Angélica e vão tomar chá com ele [senhor

Marco]. Só que a Marlene já havia dito: “Quando vocês chegarem lá, a primeira sala, não é para a gente. A primeira sala é aquilo que aconteceu, aquilo que a gente viu em filmes. Quer dizer, a gente já viu nossos aqui dentro.” Que eles se dizem ‘os nossos’. “A gente já viu dos nossos assim, tipo assim o meu marido, o fulano, não eram diferentes”.

MARCO – Jacó, ele é filho de hanseniano, por exemplo, a Rita era termômetro, a Neca era o termômetro, a Elisete era o termômetro, as pessoas próximas eram o meu termômetro. Ai o Jacó me disse: “Marco, tá tendo uma confusão, uma confusão”. Eu digo: “Eu não vou tirar o Lázaro dali. Ele vai ficar.” “Quem sabe tu tapa?” [sic]. Eu digo: “Não vou tapar o nariz dele, não vou mexer nos olhos dele”. “Mas, quem sabe tu bota [sic] uma palha assim?”

RITA - Não! Não tem que botar nada!

MARCO – Eu não vou fazer isso. A única coisa que se fez, no dia da inauguração, que tinha criança.

RITA - A gente puxou [fazendo gesto de que colocaram um véu no rosto do boneco Lázaro] para deixar o rosto um pouquinho tapado. (CAMELLO; LUCAORA. 2015. inf. verb.)

Para convencer os moradores ex-hansenianos, os organizadores do Memorial conversaram diversas vezes e explicaram os motivos para a criação do manequim Lázaro. Contudo, nesta fala, percebemos que eles mesmos consideram que tal imagem pode ser forte ou incomodar algumas pessoas, como os próprios moradores ou visitantes. Sendo assim, o que devemos priorizar quando estas visões de necessidades são diferentes?

Juliane Serres, que fez parte do CEDOPE no começo dos anos 2000, época em que era estudante de história, e realizou entrevistas com os moradores do HCI, comenta que: “Os moradores não tratam de esconder os sinais corporais dos visitantes, ou daqueles por eles denominados, “os de saúde”, antes os evidenciam para que se dê a aceitação ou rejeição plena.” (SERRES, 2009, p.172). Essa afirmação da pesquisadora nos faz refletir sobre a perspectiva dos moradores em relação ao estigma da lepra e a representação de parte de suas histórias de vida realizadas pelo Memorial HCI.

Ao evidenciar estes sinais da doença para pesquisadores, por exemplo, os moradores estão confrontando a “sociedade” que os excluiu. Todavia, ao verem estas marcas ressaltadas no manequim, eles percebem que é esta imagem deles que será transmitida, e talvez esta seja a fonte do desconforto e, não apenas o fato de se identificarem fisicamente com o Lázaro.

Considerando toda a história da lepra podemos perceber que o medo e o preconceito são duas constantes, deste modo, haveria memórias traumáticas, vinculadas a estes elementos, nas histórias de vida das pessoas internadas no HCI.

Em sua tese, Serres (2009, p.138-139) comenta que em entrevistas com 20 (vinte) pessoas que foram internadas no HCI, percebeu-se a recorrência de alguns temas em suas histórias de vida, entre eles o diagnóstico, que é apontado pela autora, como uma espécie de condenação. Ligado ao receio dos próprios doentes em relação às deformidades e do isolamento que seria imposto, associados também ao medo instituído pelas próprias medidas políticas e de conscientização da população que apontavam este doente como uma ameaça social. Segundo ela: “O preconceito vivenciado pela maioria dos entrevistados foi fruto das representações sociais construídas acerca da doença que conformaram um estigma da lepra como uma doença altamente contagiosa e do doente como uma ameaça social.” (SERRES, 2009, p.153).

Encontramos no Memorial alguns elementos que contam um pouco desta história, o manequim Lázaro representa, entre outras coisas, um passado de segregação. Além disso, o medo e o preconceito em relação à hanseníase ainda existem em nossa sociedade e, talvez, por este motivo percebemos mais cuidado no momento de expor fotos dos moradores, por exemplo. Posto que os organizadores tenham que se preocupar com o que será mostrado e como este material poderá ser interpretado pelo público.

A partir da forma como estes temas são abordados percebemos também um discurso institucional sobre esse passado. Em uma das entrevistas com a enfermeira Rita, ela comenta o seguinte:

[...] deixo aquela sala chaveada, ninguém entra. Antes eu dou aula para depois entrar. Então eu digo assim “O período do pecado que eu conversei com vocês está nesta sala, aqui está o período de pecado. Tudo o que aconteceu antes de Cristo, todo o período medieval, antes de sermos ciência, isto acontecia aqui, por onde começou, por onde andou, o que que se fazia, como vivia, como eram as pessoas”. Só que saio dali limpa, tipo assim: “Deu! O ranço do pecado ficou para trás, estamos indo para a ciência”. Eu procuro deixar muito claro: isso aqui é o pecado, isso aqui é bíblico, isso de 4.600 (quatro mil e seiscentos) anos antes de Cristo até 1873, agora o que é ciência... (CAMELLO, 2017, inf. verb.)

Este trecho da entrevista demonstra que tal espaço, além de corroborar com a fala realizada pela enfermeira Rita na palestra, só pode ser visto após esta ação ou mediado por uma interação para que o visitante compreenda o que representa aquele ambiente e isso não reforce o estigma da lepra.

Sendo assim, percebemos que o medo e o preconceito em relação à hanseníase estão expostos no Memorial, mesmo que discretamente, e que a preocupação dos organizadores com determinados espaços é justificável, porém, não se sabe como estes ambientes serão trabalhados sem a presença destes profissionais no futuro.

Tendo em vista que: “[...] o pior que os doentes passaram não foi a enfermidade em si, mas o rechaço social.” (SERRES, 2009, p.179), seria interessante, já que o Memorial abarca também a história da hanseníase, apontar como a sociedade, nos anos de 1930, 1940 e, até os dias atuais, percebe a hanseníase. É necessário conscientizar os visitantes sobre os preconceitos implícitos em nosso comportamento.

Em uma das questões propostas no estudo de público aplicado a um pequeno grupo de visitantes do Memorial aplicado em novembro de 2017, perguntamos o seguinte: “Que visão você tinha sobre o tema antes da visita ao Memorial do Hospital Colônia Itapuã?”. Daqueles que responderam, muitos diziam ter pouco conhecimento sobre o assunto, um, inclusive, mencionou a imagem transmitida pela Bíblia e por filmes sobre a lepra, outro disse ter receio em visitar o local. Estas respostas nos fazem refletir sobre a importância que este Memorial pode ter na conscientização da sociedade e ao mesmo tempo na responsabilidade que isso acarreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o medo e o preconceito, tão presentes na vida dos internos no HCI, pode ser observado em toda a estrutura do Hospital, mas no Memorial, ele é tratado de forma sutil. Devemos levar em consideração que para compreendermos como estes aspectos alteraram a vida destas pessoas e de qual forma estão presentes em diversas materialidades expostas, é necessário ter um conhecimento prévio sobre quais medidas eram tomadas no período em que o local funcionou como Leprosário ou uma mediação que busque refletir e informar sobre tais aspectos.

O manequim Lázaro representa muito mais do que um objeto cenográfico, ele destaca aspectos vinculados à história e ao estigma criado ao redor de uma doença milenar. Contudo, só poderemos compreender as ressonâncias desta escolha expográfica com o passar do tempo, e esperar que este elemento sirva de meio para a conscientização e não reforço a um estereótipo.

Tendo em vista que o medo e o preconceito não são temas simples de serem abordados, observamos que a expografia parece mesclá-los a outros elementos, o que pode ser bom se estas pequenas sutilezas forem discutidas e, preocupante, na medida em que passem despercebidas pelo visitante e reforcem imagens pré-concebidas, que em muitas vezes se distanciam do “doente real”. É necessário cuidado constante para que não se caia em espetacularização do passado sem a necessária problematização das questões históricas e sociais envolvidas.

Os aspectos levantados demonstram que a exposição foi pensada em conjunto com a realização de uma mediação ou que, com o passar do tempo, a necessidade dela se tornou mais evidente. É necessária a conscientização sobre o isolamento e o sofrimento imposto aos pacientes/moradores desta instituição, pois o público que frequenta hoje esta exposição pode ser o responsável pela existência, ou não, de locais de segregação no futuro, uma vez que o isolamento ainda é uma ideia recorrente em nossa sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 30 de março de 1995. Seção 1. p. 4509. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9010.htm>. Acesso em: 15 de set. de 2017

BRASIL. Lei nº 11.520, de 18 de setembro de 2007. Dispõe sobre a concessão de pensão especial às pessoas atingidas pela hanseníase que foram submetidas a isolamento e internação compulsórios. Conversão da Medida Provisória nº373, de 2007. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 de setembro de 2007. Seção 1. p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Lei/L11520.htm>. Acesso em: 18 de ago. de 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.” In: *As várias faces do Patrimônio*, por LEPA. Santa Maria: LEPA/UFMS, 2006. p.119-140.

CAMELLO, Rita Sosnoski. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim

Medeiros. Porto Alegre, 2015.

CAMELLO, Rita Sosnoski. Entrevista 05: 12 de nov. de 2018. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2018.

CAMELLO, Rita Sosnoski. Entrevista 04: 24 de nov. de 2017. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2017.

CAMELLO, Rita Sosnoski; LUCAORA, Marco Antonio. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

CUNHA, Ana Zoé Schilling da. *Hanseníase: A História de um Problema de Saúde Pública*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - UNISC. Universidade de Santa Cruz do Sul, 1997, 101p.

DEBARY, Octave. *Yard Sales: A Book and an Exhibition: From Selling Off Objects to Redeeming Memory*. In: *Culture Unbound*, Volume 7, 2015. p.123-142. Disponível em: <<http://www.cultureunbound.ep.liu.se/v7/a08/cu15v7a08.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

EIDT, Letícia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. In: *Saúde e Sociedade*. v.13, n.2, 2004, p.76-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902004000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 30 abril de 2017.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução: LAMBERT, Mathias. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 124 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2017.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Tradução: José Rivair de Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2005, 399p.

LUCAORA, Marco Antônio. Entrevista 01: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Doença e Estigma. In: *Revista de História*. São Paulo, n 127-128, 1993, p. 131-139. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18694/20757>>. Acesso em: 05 de nov. de 2020.

QUEVEDO, Éverton Reis. “*Isolamento, isolamento e ainda isolamento*” o Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na profilaxia da lepra no Rio Grande do Sul (1930-1950). Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos da História das Sociedades Ibero-Americanas, da PUC-RS, para obtenção do grau de Mestre em História. Porto Alegre, 2005, 189p.

SANTOS, Vânia Carvalho. *Percepções De Portadores De Hanseníase Sobre A Doença, Seu Tratamento E As Repercussões Em Seu Ambiente: Um Estudo no Município de Nossa Senhora do Socorro*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de

Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Sergipe, 2006a, 170 p.

SAVASSI, Leonardo Cançado Monteiro. *Hanseníase: políticas públicas e qualidade de vida de pacientes e seus cuidadores*. Dissertação apresentada com vistas à obtenção do Título de Mestre em Ciências na área de concentração Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2010, 196 p.

SERRES, Juliane Conceição Primon. “*Não Caminhamos Sós*”: Hospital Colônia Itapuã e o Combate à Lepra no Rio Grande do Sul (1920-1950). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2004. 285 p.

SERRES, Juliane Conceição Primon. *Memórias do isolamento: trajetórias marcadas pela experiência de vida no Hospital Colônia Itapuã*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos Históricos Latina Americanos, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, para obtenção do grau de Doutora em História. São Leopoldo - RS. 2009. 216 p.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o Reflexo e a Reflexão: Por Detrás das Cortinas da Performance Museal. In: *Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012*. Petrópolis, Nov/2012a. P. 192 – 204.

SOARES, Bruno Brulon. *Máscaras Guardadas: Musealização e Descolonização*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor. Niterói – RJ. 2012b. 461p.